



O “VÍRUS COMUNISTA”: O PAPEL DAS FÓRMULAS DISCURSIVAS NA CIRCULAÇÃO DO DISCURSO CONSPIRATÓRIO SOBRE A PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL

EL “VIRUS COMUNISTA”: EL ROL DE LAS FÓRMULAS DISCURSIVAS EN LA CIRCULACIÓN DEL DISCURSO CONSPIRATIVO SOBRE LA PANDEMIA COVID-19 EN BRASIL

Argus Romero Abreu de Morais¹
Eduardo Lopes Piris²

Resumo: Neste artigo analisamos o papel das fórmulas no discurso conspiratório sobre a pandemia de covid-19 no Brasil, explorando os traços da racionalidade conspiratória, as estratégias discursivas de manipulação e a circulação das fórmulas “vírus chinês”, “vírus comunista” e “comunavírus” na polêmica entre o governo brasileiro e seus adversários no combate à pandemia. O quadro teórico articula a concepção de fórmula discursiva postulada por Krieg-Planque (2010), a caracterização do discurso conspiratório proposta por Nicolas (2016) e as estratégias do discurso manipulatório apresentadas por Charaudeau (2022). A análise, de caráter qualitativo, focaliza 7 (sete) enunciados que circularam nas redes sociais e na imprensa brasileira entre março de 2020 e maio de 2021. Tais textos obtiveram bastante repercussão no período e ensejaram intensos debates públicos sobre as atitudes negacionistas do governo Bolsonaro e de seus seguidores em relação à gestão sanitária da pandemia.

Palavras-chave: Fórmulas discursivas. Discurso conspiratório. Covid-19.

Resumen: En este artículo, analizamos el papel de las fórmulas en el discurso conspirativo sobre la pandemia de covid-19 en Brasil, explorando los rasgos de la racionalidad conspirativa, las estrategias discursivas de manipulación y la circulación de las fórmulas “virus chino”, “virus comunista” y “comunavirus” en la polémica entre el gobierno brasileño y sus opositores en el combate a la pandemia. El marco teórico articula la concepción de la fórmula discursiva postulada por Krieg-Planque (2010), la caracterización del discurso conspirativo propuesta por Nicolas (2016) y las estrategias del discurso manipulador presentadas por Charaudeau (2022). El análisis, de carácter cualitativo, se centra en 7 (siete) enunciados que circularon en las redes sociales y en la prensa brasileña entre marzo de 2020 y mayo de 2021. Estos textos tuvieron gran repercusión en el período y dieron lugar a intensos debates públicos sobre las actitudes negacionistas del gobierno de Bolsonaro y sus seguidores en relación con la gestión sanitaria de la pandemia.

Palabras clave: Fórmulas discursivas. Discurso conspirativo. Covid-19.

¹ Pesquisador e professor visitante na Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, FAALC/UFMS, Campo Grande, MS, Brasil. Pós-Doutorando na Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires, UBA, Buenos Aires, Argentina. argusromero@yahoo.com.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3606-110X>

² Professor Titular da Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC, Ilhéus, BA, Brasil. Docente Permanente dos Programas de Pós-Graduação em Letras, Linguagens e Representações da UESC e em Estudos Linguísticos na UEFS, Feira de Santana, BA, Brasil. elpiris@uesc.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3718-8126>

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca analisar o papel das fórmulas discursivas (KRIEG-PLANQUE, 2010) “comunavírus”, “vírus comunista” e “vírus chinês” na circulação do discurso conspiratório (NICOLAS, 2016) produzido por integrantes e apoiadores do governo Bolsonaro sobre a pandemia de covid-19. Para tanto, coletamos 7 (sete) enunciados publicados no período de março de 2020 a maio de 2021 responsáveis por fomentar intensos debates na sociedade brasileira a respeito do negacionismo científico da extrema direita. Sem a pretensão de realizar uma análise exaustiva, empreendemos uma investigação qualitativa com base em instrumentais discursivos que têm contribuído para a compreensão do recrudescimento autoritário na cena política global, dentre elas, a brasileira.

Dito isso, na primeira seção do texto, delineamos algumas características do discurso político da extrema direita brasileira atual e seus impactos na gestão do (não) combate à pandemia da covid-19. Na segunda, apresentamos a articulação teórica entre os estudos sobre retórica e discurso conspiratório, de Nicolas (2016), e manipulação verbal da verdade, de Charaudeau (2022), para poder compreender as estratégias de produção do discurso bolsonarista durante a crise sanitária. Na terceira, mobilizamos também o conceito de polêmica, de Amossy (2017), para apoiar a análise dos processos de produção e circulação das fórmulas discursivas (KRIEG-PLANQUE, 2010) “vírus chinês”, “comunavírus” e “vírus comunista” a partir dos enunciados coletados.

1. A EXTREMA DIREITA BRASILEIRA E A GESTÃO DA PANDEMIA DE COVID-19

A extrema direita brasileira, da qual o presidente Jair Bolsonaro seria o seu principal representante no período pandêmico da covid-19, é caracterizada por Miguel (2018) com base em três eixos políticos, a saber:

- (1) Ideologia neoliberal: alinhada à “escola econômica austríaca”, a qual defende valores ultraliberais e preconiza o estado mínimo, entendendo que o mercado e seus mecanismos são constitutivamente justos e espelham leis naturais. Nessa perspectiva, as relações sociais são completamente definidas por uma visão contratual, garantindo a inviolabilidade absoluta do direito de propriedade e fomentando a competição individual em todos os setores da vida social em detrimento dos laços de solidariedade. Para os ultraliberais, a liberdade estaria representada pelo mercado e teria como principal inimigo/obstáculo a igualdade, representada pelo Estado;
- (2) Fundamentalismo religioso: principalmente, mas não exclusivamente, associado à expansão de setores das igrejas neopentecostais desde a década de 1990, que se baseiam na “percepção de que há uma verdade revelada que anula qualquer possibilidade de debate” (MIGUEL, 2018, p. 21). Tais grupos sustentam as chamadas pautas de costumes, opondo-se, por exemplo, à descriminalização do aborto, às políticas de igualdade de gênero e a outras questões que servem de gatilho ao pânico moral. Seu fortalecimento também está relacionado ao crescimento exponencial do poder econômico e midiático dos líderes religiosos das principais congregações evangélicas no Brasil, aumentando sua inserção na estrutura estatal e empresarial;

- (3) Anticomunismo: associação do “petismo” – expressão vinculada ao Partido dos Trabalhadores (PT), que governou o Brasil de 2003 a 2016 – ao comunismo, como estratégia de construção da imagem do inimigo da democracia que deve ser fortemente combatido. Resignifica, com esse fim, a memória do “comunismo cubano” construída durante a Ditadura Militar brasileira (1964 a 1985), representado pelo regime instituído por Fidel Castro em 1959, através do “bolivarianismo venezuelano”, instaurado por Hugo Chávez em 1999.

Complementarmente a isso, Solano (2019) aponta seis aspectos da extrema direita brasileira contemporânea: (1) rejeição da política, em que o conceito de “corrupção” emerge como aspecto argumentativo central; (2) antipetismo e antiesquerdismo como negação do “comunismo”, movimento ideológico tido como defensor do assistencialismo, do aparelhamento do Estado, da agenda LGBT e dos Direitos Humanos; (3) anti-intelectualismo, dado o engajamento de seus membros na produção, propagação e consumo de notícias fraudulentas (*fake news*) por meio das mídias digitais; (4) dogmatismo da política, alçando posicionamentos ideológicos à função de dogmas ou verdades absolutas, não distinguindo opinião de informação, de modo a promoverem uma lógica fundamentalista e hiperpersonalista do conhecimento; (5) militarismo, considerando os militares como os ordenadores da vida pública e simbolizando a instituição por valores como “hierarquia”, “disciplina”, “autoridade”, “força”, “masculinidade” e “carisma”; (6) a emoção do ódio, modo pelo qual transformam continuamente seus adversários em inimigos.

As características da extrema direita apontadas por Miguel (2018) e Solano (2019) podem ser notadas na produção discursiva de Jair Bolsonaro ao longo de sua carreira política, tal como destaca Piovezani (2020, p. 152), ao ressaltar a visibilidade nacional que conquistou “tanto com suas defesas dos militares e da ditadura de 1964, de punições cada vez mais severas na área de segurança pública e de pautas pró moral e bons costumes quanto com seus ataques a programas sociais e políticas afirmativas, a ideologias igualitárias e aos direitos humanos”.

Com a chegada do novo coronavírus ao Brasil em fevereiro de 2020, os traços constitutivos desse discurso – antipolítica, anticomunismo, dogmatismo, militarismo e negacionismo científico – são catalisados pelo discurso do então presidente brasileiro, que passa a incentivar e a participar de “eventos que eram ao mesmo tempo atos de apoio ao seu governo e protestos contra instituições democráticas, nos quais os manifestantes pediam o fechamento do Congresso e do STF e uma intervenção militar” (PIOVEZANI, 2020, p. 238). Em paralelo, esses movimentos desrespeitam as medidas de segurança sanitária propugnadas pela Organização Mundial da Saúde e pelo Ministério da Saúde do Brasil.

Ainda de acordo com Piovezani (2020), durante sua carreira política, Jair Bolsonaro se notabilizou por construir argumentos negacionistas no campo historiográfico, ancorados, essencialmente, na recusa à interpretação historiográfica da ditadura militar brasileira. Em seu período na Presidência da República, o negacionismo de Bolsonaro se expandiu em direção a outros campos do saber científico, passando a perseguir instituições acadêmicas e de controle sanitário e a interferir nos protocolos médicos de prevenção e combate ao novo coronavírus no intuito de impedir o seu controle.

Segundo Napolitano e Junqueira (2019), o negacionismo científico seria a corrente extremista marginal de opinião pautada na adulteração de fatos, processos históricos e naturais com fins de adequação da realidade a interesses, exclusivamente, ideológicos. Nesse intuito, distorce teses científicas, apela ao sensacionalismo,

descontextualiza fontes, documentos e relatos e simplifica raciocínios pela causalidade linear dos fenômenos, de modo a defender perspectivas ideológicas e morais para ajustar o mundo aos interesses pessoais e de seu grupo, negando o interesse público. Tais características podem ser encontradas nas ações políticas de Bolsonaro a respeito da gestão da pandemia.

Além disso, ancorando-nos em Bucci (2019), entendemos que, ao fundamentar seus argumentos em notícias fraudulentas (*fake news*), a comunicação política do governo Bolsonaro contribuiu para a deterioração da dinâmica da construção da opinião pública, uma vez que a validade das decisões democráticas pressupõe a verdade factual.

Avritzer (2020), por sua vez, analisa o *modus operandi* do bolsonarismo por meio do conceito de antipolítica, definida como a negação de qualquer acordo, negociação e consenso na estratégia de poder. Para o cientista político, além da lealdade a um projeto autoritário, Jair Bolsonaro realmente teria acreditado que o Exército, principal grupo de apoio ao seu governo, e a cloroquina, medicamento que considerava a “cura milagrosa” para a covid-19 a despeito das evidências científicas contrárias, solucionariam a crise sanitária brasileira. “O presidente do Brasil opera[va] sob o signo de Thanatos, o deus da morte”, assevera Avritzer (2020, p. 18). Isso explicaria, a seu ver, a demissão dos ministros da saúde Henrique Mandetta e Nelson Teich e o desmonte de políticas de saúde em meio à pandemia.

Se considerarmos não apenas a inação no combate ao vírus, mas sobretudo as ações perpetradas pelo Presidente da República no período pandêmico, podemos entender que o governo Bolsonaro exerceu o poder necropolítico, termo cunhado por Mbembe (2018, p. 5) para se referir ao exercício do soberano “de ditar quem pode viver e quem deve morrer”. O relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Senado Federal do Brasil (SENADO FEDERAL, 2021) aponta, por exemplo, que Jair Bolsonaro foi acusado de nove crimes³, a saber: prevaricação; charlatanismo; epidemia resultando em morte; violação de medidas preventivas de saúde; utilização irregular de fundos públicos; incitação ao crime; falsificação de documentos privados; crimes de responsabilidade (violação de direitos sociais e incompatibilidade com a dignidade, honra e decoro do cargo); crimes contra a humanidade (na forma de extermínio, perseguição e outros atos desumanos).

Diante desse contexto, podemos presumir que o discurso do governo Bolsonaro durante a pandemia de covid-19 constituiu-se a partir de uma racionalidade conspiratória (NICOLAS, 2016) e de estratégias discursivas de manipulação da verdade, entendida como um acordo prévio compartilhado pela sociedade, ou, em termos retóricos, a *doxa* (SILVA, 2016; CHARAUDEAU, 2022). Nessa comunicação conspiratória, as fórmulas discursivas (KRIEG-PLANQUE, 2010) desempenharam um papel fundamental, pois foram postas a circular no espaço público como expressões cristalizadas fáceis de usar sem pensar (um *prêt-à-porter*) e que condensaram em si a dicotomização das oposições, a polarização entre os grupos, o descrédito do outro e a virulência verbal (AMOSSY, 2017).

Dito isso, na seção seguinte, propomo-nos a compreender o funcionamento do discurso conspiratório produzido tanto por integrantes do Poder Executivo brasileiro quanto por atores políticos do seu campo ideológico durante a pandemia de covid-19.

³ O resumo das acusações apresentadas pela CPI está disponível no *site* da Agência Senado: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/20/com-nove-crimes-atribuidos-a-bolsonaro-relatorio-da-cpi-e-oficialmente-apresentado>

2. DISCURSO CONSPIRATÓRIO E ESTRATÉGIAS DE MANIPULAÇÃO VERBAL

Nicolas (2016, p. 258) defende que não podemos desprezar a complexidade nem o estatuto ambíguo das explicações que os discursos conspiratórios produzem, uma vez que se tais “[...] explicações não fossem persuasivas e permanecessem sem exercer efeito sobre ninguém, nós as relegaríamos a uma classe de curiosidades e de fabulações”. Ou seja, se “ninguém encontrasse sentido nem interesse [...] em aderir a elas, em crer nelas (no todo ou em parte, com mais ou menos entusiasmo e convicção), o fenômeno não teria a amplitude que conhecemos hoje”. Nicolas (2016) trata as teorias da conspiração como um fenômeno social e linguageiro, de modo que busca, em vez de dissecá-las⁴, focalizar o seu próprio material discursivo para apreender o potencial persuasivo das explicações conspiratórias e analisar o papel e as funções que esses discursos ocupam no espaço social.

Assim, Nicolas (2016, p. 262) entende que o funcionamento do discurso conspiratório consiste em “uma narrativa totalizante e determinista (B existe, porque A existe) de ‘sinais’ coletados” tanto “na atualidade imediata como num passado mais ou menos distante, com a intenção tanto de esclarecer o passado e o presente como de prever o futuro”. Para produzir esse efeito explicativo, o discurso conspiratório se concentra em:

(1) recolher e combinar acontecimentos esparsos, elevando-os ao estatuto de fatos concretos, para (2) fazê-los atuar juntos no seio de uma trama narrativa; isso na intenção (3) de provar que esses fatos estão necessariamente ligados entre si (4), no sentido de que são o resultado de uma causa única, isto é, (5) de um complô em que os fatos falam por si e, (6) no seio do qual, os participantes respondem a uma natureza profunda, uma agenda escondida, obrigações ou pulsões maldosas e destrutivas (para a maioria, o povo, os “marginalizados”...) que os determinam. (NICOLAS, 2016, p. 262)

Basicamente, esta definição proposta por Nicolas (2016) descreve o raciocínio causal, mais especificamente o conhecido como “a falácia da causa falsa” ou sofisma *post hoc ergo propter hoc* (em português, “depois disso, portanto por causa disso”) (PLANTIN, 2016, p. 32; SALAVASTRU, 2020, p. 115; CHARAUDEAU, 2022, p. 92). Segundo Salavastru (2020, p. 115), a “falácia ‘*post hoc ergo propter hoc*’ está associada ao uso do argumento causal e seu aparecimento é determinado por uma infeliz confusão entre a relação de sucessão e a relação de causalidade: aquilo que é uma sucessão simples é tomado como uma causalidade”.⁵

Charaudeau (2022, p. 92) apresenta uma explicação que vai ao encontro do traço totalizante e determinista do discurso conspiratório gerado por esse efeito explicativo ao dizer que o “*amalgama* também é um procedimento que consiste em fazer aproximações entre fatos, causas, consequências, de conectá-los e dar a ilusão de uma explicação global”. Em suma, podemos dizer que, a partir da definição de Nicolas (2016), a racionalidade conspiratória funda sua regra em um esquema argumentativo no qual o evento A (conspiração) é a causa do evento B e do evento C, os quais são interligados e desconhecidos da opinião pública.

⁴ Para esse fim, conferir o trabalho de Quinan, Araújo e Albuquerque (2021) sobre as teorias conspiracionistas veiculadas por figuras-chave da chamada “ala ideológica” do governo Bolsonaro, como o ex-Chanceler Ernesto Araújo, o ex-Ministro da Educação Abraham Weintraub, o deputado federal Eduardo Bolsonaro, o “guru” do governo, Olavo de Carvalho, e o próprio presidente Jair Bolsonaro.

⁵ No original em francês: “Le sophisme ‘*post hoc ergo propter hoc*’ est lié à l’utilisation de l’argument causal. Son apparition est déterminée par une confusion regrettable entre la relation de succession et la relation de causalité: ce qui est une simple succession est pris pour une causalité”.

Complementarmente a essa ideia, Charaudeau (2022) propõe o termo “discurso manipulatório”, reconhecendo nele sua dimensão persuasiva. Concebe, por conseguinte, a manipulação verbal como “um ato que visa a levar o outro a fazer, dizer ou pensar o que o sujeito falante gostaria que ele fizesse, dissesse ou pensasse”, tal como poderíamos descrever um ato de persuasão, porém com o acréscimo dos traços de “*maquilagem* intencional e um *efeito de impostura*” (CHARAUDEAU, 2022, p. 91. Itálicos do autor).

Destarte, parece-nos que outra forma de mostrar como funciona o discurso conspiratório é analisar as estratégias discursivas de manipulação. Isto é, se sabemos quais são os aspectos que definem o discurso conspiratório, é necessário saber quais são os aspectos linguageiros que caracterizam tal discurso, a fim de que possamos compreender como esse discurso se materializa no verbal. É nesse sentido que Charaudeau (2022, p. 93) identifica três estratégias do discurso manipulatório ou, em suas palavras, “três atitudes manipulatórias que dependem da posição do sujeito manipulador”, a saber: (1) manipulação voluntária com efeito de sugestão e consentimento; (2) manipulação voluntária com efeito de impostura, mistificação ou medo; (3) manipulação involuntária com efeito de inquietação ou de suspeita.

A partir dessa caracterização da racionalidade falaciosa e das propriedades manipulatórias gerais, podemos reconhecer os próprios traços do discurso conspiratório produzido por integrantes e apoiadores do governo Bolsonaro durante a pandemia de covid-19.

3. AS FÓRMULAS DO DISCURSO CONSPIRATÓRIO DO PRESIDENTE JAIR BOLSONARO SOBRE A PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL

3.1 O contexto sócio-histórico e discursivo da polêmica em torno do combate à pandemia

Em janeiro de 2021, uma pesquisa realizada pelo Lowy Institute, de Sydney (Austrália), colocou a gestão brasileira de combate à pandemia como a pior do mundo⁶. Com 619 mil mortes decorrentes de infecções pela covid-19 até dezembro de 2021, o Brasil aparecia como o segundo país com maior número absoluto de óbitos, atrás apenas dos Estados Unidos. Durante a pandemia, o Brasil teve de enfrentar, além das crises sanitária e socioeconômica, uma onda conspiratória em torno do novo coronavírus.

O presidente Jair Bolsonaro e seu grupo político valeram-se da falta de regulamentação da internet no Brasil e da velocidade de circulação das informações no meio digital para produzir e disseminar *fake news* e discursos conspiratórios nas redes sociais. Para se ter uma dimensão mais precisa, em fevereiro de 2021, Bolsonaro contava com 39.933.878 seguidores somando as redes sociais Facebook, Twitter e Instagram⁷, além de inúmeros grupos organizados no WhatsApp e no Telegram. Constituiu-se, assim, a chamada rede bolsonarista, com mídias capilarizadas para se comunicar com parte significativa da sociedade e conspirar contra as recomendações das autoridades sanitárias para o combate ao contágio por covid-19, num primeiro momento, e a vacinação, num

⁶ FRANCE 24. Brazil's Covid-19 response worst, New Zealand's best: study. Disponível em: <https://www.france24.com/en/live-news/20210128-brazil-s-covid-19-response-worst-new-zealand-s-best-study>. Acesso em: 15 mar. 2023.

⁷ Dados extraídos do artigo jornalístico “Bolsonaro continua senhor das redes sociais com 39,9 milhões de seguidores”, publicado pelo jornalista Ricardo Kotscho, no UOL, disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/balaio-do-kotscho/2021/02/17/bolksonaro-continua-senhor-das-redes-sociais-com-399-milhoes-de-seguidores.htm>. Acesso em: 09 set. 2023.

segundo. Vejamos, abaixo, o pronunciamento do Presidente da República que inaugura a série de discursos conspiratórios do governo sobre a pandemia de covid-19 no Brasil:

(1) Pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria acometido, quando muito, de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão.⁸

O enunciado (1) é um recorte do pronunciamento presidencial transmitido em rede nacional de rádio e televisão no dia 24 de março de 2020. Trata-se do primeiro pronunciamento do presidente Bolsonaro à nação brasileira sobre a pandemia de covid-19, que, do ponto de vista argumentativo, é um discurso de refutação aos argumentos da campanha em prol das medidas de isolamento físico, vinculada à fórmula discursiva “Fique em casa”, em que Bolsonaro argumenta a favor do aspecto econômico da crise sanitária gerada pela pandemia (PIRIS; AZEVEDO, 2021).

Destaca-se, ainda no enunciado (1), o caráter negacionista do discurso presidencial perante a natureza do novo coronavírus, com inferências baseadas nas suas próprias características físicas sem qualquer fundamentação científica da área de Epidemiologia. Somam-se a isso os ataques à ciência e à imprensa, representados, no exemplo, pela remissão irônica às distintas formas de manifestação da doença que o renomado médico brasileiro Dráuzio Varella havia veiculado na mídia televisiva.

Tomando por base esse pronunciamento, é possível apontar a mobilização de duas estratégias manipulatórias: (1) a manipulação voluntária com efeito de “mistificação” obtida por meio da propaganda tática, que “consiste em lançar, intencionalmente, uma falsa informação ou em denunciar como falsa uma informação que circula na sociedade” (CHARAUDEAU, 2022, p. 93). Desse modo, impõe uma “verdade” (uma falsa verdade), para “tranquilizar a opinião pública diante de uma ameaça ou um perigo potencial” (CHARAUDEAU, 2022, p. 98), quando afirma que não precisaria se preocupar se fosse contaminado pelo vírus, pois “nada sentiria ou seria acometido, quando muito, de uma gripezinha ou resfriadinho”; (2) a manipulação involuntária com efeito de “suspeita”, na qual os “meios de comunicação são frequentemente suspeitos, senão de manipular, pelo menos de desinformar” (CHARAUDEAU, 2022, p. 119), quando alude às inserções do médico Dráuzio Varella na TV Globo (“aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão”).

O discurso conspiratório de Bolsonaro busca a manipulação da opinião pública na oposição entre o Presidente da República (contrário às medidas de distanciamento físico) e os governadores das Unidades da Federação (favoráveis às medidas de distanciamento físico). Ao dizer que o Brasil está com sua economia paralisada e ao questionar a duração do período de confinamento, deixa entrever que a economia do país não suportaria mais tempo paralisada, gerando no interlocutor (a população) um estado de angústia (uma estratégia da manipulação pelo medo) “que alimenta os rumores e as reações de ‘conspiracionismo’, e para enfrentá-la procura-se um culpado que servirá de bode expiatório catártico, pois é o único meio de tornar o inexplicável algo compreensível” (CHARAUDEAU, 2022, p. 110).

Esse pronunciamento pode ser tomado como discurso seminal na polêmica em torno do combate à pandemia de covid-19 no Brasil, pois é o primeiro do Presidente da República sobre a questão. É um discurso enunciado de um lugar de poder e de

⁸ Este pronunciamento do presidente Bolsonaro não está mais disponível no *site* do Planalto – como se pode ver em <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2020/03/venceremos-o-virus-afirma-bolsonaro-em-pronunciamento-aos-brasileiros>, por isso referenciamos o Canal de Youtube da *BBC News Brasil*, em: <https://www.youtube.com/watch?v=zuBs0NVr-70>. Acesso em: 15 mar. 2023. Ver minutagem 3’02 a 3’22”.

credibilidade (a Presidência da República) a partir de meios de comunicação importantes (Cadeia Nacional de Rádio e Televisão). Pode ser considerado, portanto, um discurso que instaura uma dicotomização de posições (contrárias ou favoráveis às medidas sanitárias) e mobiliza a estratégia de construção da polarização entre o grupo de apoiadores e o grupo de adversários do governo (os governadores e prefeitos que são favoráveis ao “lockdown”), de modo que o debate público sobre o enfrentamento à crise social e sanitária é pautado e manipulado pelo discurso do próprio Presidente da República.

É nesse contexto sócio-histórico e discursivo que as fórmulas discursivas “vírus chinês”, “comunavírus” e “vírus comunista” começam a ser produzidas e postas em circulação, sobretudo em 2020, no primeiro ano da pandemia.

3.2 A fórmula “vírus chinês” e a participação do Brasil na disputa entre EUA e China

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS), por meio de seu diretor geral, Tedros Adhanom, declarou que a dispersão global do covid-19 atingiu status de pandemia. Entre 16 e 30 de março de 2020, o então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, utilizou a expressão “*Chinese virus*” mais de vinte vezes para atribuir à China a suposta origem do novo coronavírus causador da covid-19.⁹ As declarações de Trump colocaram em circulação um discurso de preconceito étnico contra os chineses que aumentou a tensão da disputa comercial entre os dois países, sobretudo em torno da tecnologia 5G.

Uma estratégia recorrente na produção desses discursos conspiratórios é a elaboração de fórmulas discursivas e a circulação massiva destas nas redes sociais de seus apoiadores, “no espaço público por meio de uma publicização que é assegurada, em boa medida, pela imprensa, pelo rádio e pela televisão” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 116).

Nascimento, Pereira e Vidal (2021, p. 508) identificaram a ocorrência, ainda em março de 2020, da expressão “vírus chinês” em discursos de políticos bolsonaristas nas redes sociais. Com isso, o governo Bolsonaro e seus seguidores alinharam-se ao posicionamento de Trump nessa disputa geopolítica, reproduzindo no Brasil o discurso conspiratório e xenofóbico acerca da polêmica em torno da origem do novo coronavírus ao responsabilizar a China.

Polêmica é aqui entendida na acepção de Amossy (2017, p. 49ss), que a define como “um debate em torno de uma questão de atualidade, de interesse público, que comporta os anseios da sociedade mais ou menos importantes numa dada cultura” e a caracteriza por meio das estratégias de dicotomização (exacerbação das oposições), polarização (divisão dos participantes em grupos antagonistas), desqualificação do adversário e, eventualmente, virulência verbal.

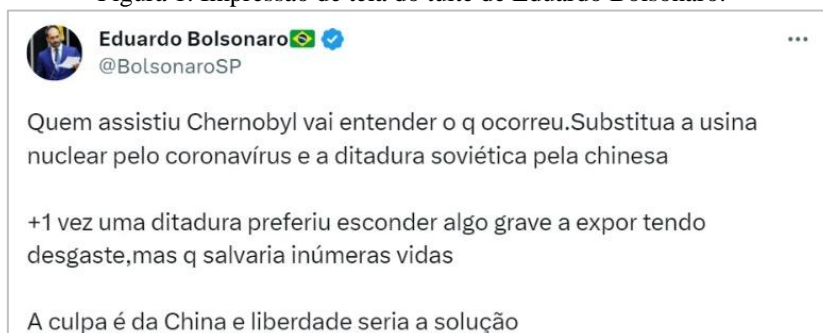
O tuíte publicado em 18 de março de 2020 (Figura 1) pelo então Deputado Federal Eduardo Bolsonaro inaugura uma desavença pública com a representação diplomática do governo chinês no Brasil¹⁰ e acirra a polêmica em torno da origem do novo coronavírus.

⁹ Dados extraídos do artigo jornalístico “Donald Trump’s ‘Chinese virus’: the politics of naming”, publicado pelos professores Jérôme Viala-Gaudefroy e Dana Lindaman, no *The Conversation* (uma plataforma de colaboração entre acadêmicos e jornalistas que publica matérias jornalísticas baseadas em pesquisas acadêmicas), disponível em: <https://theconversation.com/donald-trumps-chinese-virus-the-politics-of-naming-136796>. Acesso em: 15 mar. 2023.

¹⁰ Diversos veículos de comunicação divulgaram esse desentendimento diplomático entre Brasil e China, tal como a matéria jornalística “Embaixador chinês repudia fala de Eduardo Bolsonaro que culpa China por novo coronavírus”, de Caroline Oliveira, do *site Brasil de Fato*, publicada em 19 de março de 2020, disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/03/19/embaixador-chines-repudia-fala-de-eduardo-bolsonaro-que-culpa-china-por-coronavirus>. Acesso em: 15 mar. 2023.

Engaja-se nessa cadeia enunciativa polêmica, mesmo sem se utilizar de nenhuma das fórmulas aqui examinadas, o próprio Ministro da Educação do governo Bolsonaro, Abraham Weintraub, quando, em 6 de abril de 2020, retoma essas acusações ao governo chinês¹¹, agravando ainda mais os incidentes diplomáticos entre os governos do Brasil e da China nesse período.

Figura 1. Impressão de tela do tuíte de Eduardo Bolsonaro.¹²



O tuíte de Eduardo Bolsonaro apresenta um argumento que se esteia na analogia entre o desastre de Chernobyl na antiga União Soviética e o início do surto de covid-19 na China, pois constrói uma similitude entre duas relações – (1) o acidente de Chernobyl causou mortes porque a União Soviética ocultou um fato danoso, por ser uma ditadura e (2) o novo coronavírus causou mortes porque a China ocultou um fato danoso, por também ser uma ditadura – para induzir à conclusão de que mortes seriam evitadas se houvesse liberdade nesses dois países. Tal analogia produz um argumento de relação causa-efeito, com efeito de explicação totalizante e determinista característico do discurso conspiratório: as tragédias se explicam porque não há liberdade nesses países.

Em 20 de março de 2020, dois dias após a postagem desse tuíte de Eduardo Bolsonaro, ocorre a primeira ocorrência da fórmula “comunavírus”, que volta a se repetir no mês seguinte. Posteriormente, em junho do mesmo ano, surge a fórmula “vírus chinês” e, em dezembro, a fórmula “vírus comunista”, como podemos acompanhar nos seguintes enunciados:

(2) São Paulo corre perigo! Caímos nas mãos de um ser desprezível que está entregando o nosso Estado para o Comunismo Chinês visando buscar a Presidência da República em 2022! #DoriaComunista #ComunaVírus¹³

(3) Chegou o Comunavírus. O novo coronavírus nos faz despertar novamente para o pesadelo comunista.¹⁴

¹¹ “Geopoliticamente, quem pode Lá sair foLtalecido, em teLmos Lelativo, dessa cLise mundial? PodeLia seL o Cebolinha? Quem são os aliados no BLasil do plano infalível do Cebolinha paLa dominaL o mundo? SeLia o Cascão ou há mais amiguinhos?”. Tuíte recuperado a partir da matéria “‘Eu não sou racista’, diz Weintraub após usar Cebolinha para ironizar China”, publicada, no mesmo dia, pelo *Portal UOL*, disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/06/eu-nao-sou-racista-diz-weintraub-apos-usar-cebolinha-para-ironizar-china.htm>. Acesso em: 15 mar. 2023.

¹² Tuíte publicado em 18 de março de 2020 pelo então deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL/SP), disponível em: <https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1240286560953815040>. Acesso em: 15 mar. 2023.

¹³ Tuíte publicado em 21 de março de 2020 por Edson Salomão, Presidente do Movimento Conservador de São Paulo, em sua conta no Twitter, posteriormente apagado e somente recuperável via matéria da jornalista Daniela Arcanjo, da Folha de São Paulo, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/cobrancas-a-doria-e-expressao-virus-chines-invadem-discurso-de-bolsonaristas-nas-redes.shtml>. Acesso em 15 mar. 2023.

¹⁴ “Chegou o Comunavírus” é o título de um artigo que integra o livro do então Ministro das Relações Exteriores (MRE) do Brasil, Ernesto Araújo, intitulado *Política externa: soberania, democracia e liberdade*, com publicação feita em abril de 2020. A notícia do artigo e do livro foi dada oficialmente pelo

(4) João Doria anunciou que o Butantan fará parceria com um laboratório chinês para criar vacina contra Covid-19. Laboratório chinês criando vacina contra vírus chinês e com a pesquisa bancada por um governador que é grande parceiro da China? Eu que não quero essa vacina, e vocês? (ver Figura 2).

Figura 2. Impressão de tela do tuíte de Roberto Jefferson.¹⁵



(5) Eu quero, em agradecimento a Deus, não porque eu fui e vim, mas porque ele me deu condição de ainda, mesmo dentro de uma crise, de um vírus comunista desgraçado, como esse que tá aí, perturbando a nós todos e ao mundo.¹⁶

Os enunciados (2 a 5) reproduzem o discurso conspiratório bolsonarista sobre a pandemia de covid-19 no Brasil, no qual podemos destacar que as formulações “vírus chinês”, “comunavírus” e “vírus comunista” (1) possuem um caráter cristalizado (dado pela formulação neológica “comunavírus” a partir dos sintagmas nominais e adjetivos substantivos “vírus chinês” e “vírus comunista”), (2) integram uma dimensão discursiva, (3) funcionam como referente social e (4) incluem um aspecto polêmico, de maneira que, nesse discurso conspiratório, tais formulações podem ser qualificadas como fórmulas discursivas, em conformidade com o que propõe Krieg-Planque (2010).

No discurso conspiratório bolsonarista, a associação entre “vírus” e o gentílico “chinês” organiza os raciocínios de modo a acusar o governo chinês de ter fabricado o vírus em laboratório e de ter escondido o seu surgimento do restante do mundo. Isso demonstraria tanto o perigo geopolítico da expansão do seu poder global como o perigo do seu modelo de Estado, o comunismo. Tal modelo, como vimos na primeira seção do texto, seria o mesmo que as esquerdas e quaisquer críticos ao governo Bolsonaro estariam tentando implantar no Brasil.

site do MRE e mantém-se disponível em <https://www.gov.br/funag/pt-br/centrais-de-conteudo/politica-externa-brasileira/chegou-o-comunavirus-artigo-do-ministro-ernesto-araujo-publicado-no-livro-politica-externa-soberania-democracia-e-liberdade>. Acesso em: 15 mar. 2023.

¹⁵ Tuíte publicado em 11 de junho de 2020 pelo então deputado federal Roberto Jefferson (PTB/SP), recuperado a partir da matéria “Defensores da cloroquina impulsionam discurso antivacina no Twitter”, publicada, em 28 de julho 2020, pelos jornalistas Marina Gama Cubas e João Barbosa, do site *Aos fatos*. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/defensores-da-cloroquina-impulsionam-discurso-antivacina-no-twitter/>. Acesso em: 15 mar. 2023.

¹⁶ Enunciado proferido pelo cantor e compositor Elomar durante sua apresentação musical no evento *Virada SP Online* em 20 de dezembro de 2020. O vídeo foi retirado da plataforma pela organização do evento, mas está disponível em outros sites, como na matéria do jornalista James Martins, do *Metro1*, em <https://www.metro1.com.br/noticias/cultura/101302,elomar-chama-covid-19-de-virus-comunista-desgracado-e-gera-polemica-veja>. Acesso em: 15 mar. 2023.

A relação metafórica¹⁷ entre as fórmulas possibilita intercambiar seus termos, garantindo a compreensão dos seus sentidos pela associação implícita entre elas. Isso fica mais claro com o uso da fórmula “vírus comunista”, em que a substituição possível entre “chinês” e “comunista” permite a produção dos efeitos de sentido desejados. Metonimicamente, “chinês” estaria contido no imaginário de “comunista”, em que os valores da primeira categoria possuem uma relação de parte pelo todo com a segunda.

Segundo Krieg-Planque (2010), o aumento da circulação das fórmulas enseja a sua redução sintagmática, como uma espécie de simplificação formal dos seus sentidos. Nos primeiros meses da pandemia no Brasil, a doença covid-19 era nomeada oficialmente pelo nome “novo coronavírus”. Com a sua crescente circulação, reduziu-se para “coronavírus”. Com a incorporação do componente ideológico “anticomunista” à nomeação da doença pelo sintagma “vírus chinês”, surgiu a possibilidade metafórica de produzir a fórmula “vírus comunista”.

A alta circulação desta fórmula, por sua vez, permitiu um duplo processo de transformação linguística, oriundo da cristalização que pretendia dar concisão a esse discurso conspiratório e deslocar interdiscursivamente o referente social “pandemia de covid-19” do saber científico para o político. Primeiro, a substituição da palavra “comunista” pela abreviação vocabular de uso popular “comuna” – expressão pejorativa associada aos membros de movimentos comunistas no país – para se adaptar por analogia a “corona”, abreviação vocabular de “novo coronavírus”. Assim, “vírus comunista” se transforma em “vírus comuna”. Segundo, a redução sintagmática por um processo de inversão de posição lexical seguida de justaposição (comuna + vírus), através do qual o adjetivo desloca-se para antes do substantivo e funde-se a ele para produzir o neologismo “comunavírus”, que passa a concorrer com a forma simbólica “coronavírus” na esfera pública.

De “coronavírus” a “comunavírus”, mantêm-se 11 fonemas, 11 letras e 5 sílabas, alterando-se apenas a sílaba do meio de corona (co/ro/na) em relação a comuna (co/mu/na). Isso não apenas impede o aumento da complexidade linguística, como a diminui, quando comparada a “vírus chinês” e “vírus comunista”. Ademais, garante a similaridade fonética com a nomeação “coronavírus”, propagada pelos discursos científico e jornalístico.

Em suma, tais fórmulas associam-se ao perigo de proliferação iminente do inimigo (interno e externo), que estaria se utilizando da crise sanitária para conspirar (interesses obscuros do poder) contra os valores nacionais – que na *doxa* bolsonarista corresponde à propriedade privada, à liberdade, à família e a Deus – através do aumento supostamente irrestrito do controle estatal na vida dos indivíduos.

3.3 O enfraquecimento de fórmulas discursivas, argumentos analíticos e implícitos

As fórmulas discursivas encapsulam as ideias dos grupos sociais, seus valores e seus argumentos. Em 2021, após terem circulado em pronunciamentos de distintas personalidades públicas, as fórmulas discursivas “vírus chinês”, “comunavírus” e “vírus comunista” perderam sua força na produção do discurso conspiratório bolsonarista. Isso decorre possivelmente da crescente pressão econômica da China, principal parceira comercial do Brasil, e das investigações jurídicas contra atores políticos envolvidos na circulação dessas fórmulas. Por conseguinte, o seu conteúdo passou a circular na esfera

¹⁷ Seguindo Pêcheux (2010, p. 96), “[c]hamaremos efeito metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse deslizamento de sentido entre x e y é constitutivo do ‘sentido’ designado por x e y”. No que diz respeito à metonímia, Pêcheux (2009, p. 153) define o fenômeno pela “relação da parte com o todo, da causa com o efeito, do sintoma com o que ele designa, etc.”

pública, principalmente, através de argumentos analíticos e pelo uso de implícitos, como podemos perceber nos seguintes enunciados:

(6) O chinês inventou o vírus, e a vacina dele é menos efetiva do que a do americano. [...] Só não manda para o ar, por favor.¹⁸

(7) É um vírus novo, ninguém sabe se nasceu em laboratório ou se nasceu por algum ser humano ingerir um animal inadequado. Mas está aí. Os militares sabem o que é guerra química, bacteriológica e radiológica. Será que não estamos enfrentando uma nova guerra? Qual o país que mais cresceu o seu PIB? Não vou dizer para vocês.¹⁹

No enunciado (6), o ministro Paulo Guedes remete à disputa geopolítica entre EUA e China para se posicionar em prol do primeiro país e contrário ao segundo. Produz, para tanto, um argumento de denúncia contra os supostos inventores da covid-19, a China, além de inferiorizar sua capacidade técnico-científica na produção de vacinas contra o vírus, comparando-a com a dos EUA. Em consonância com esse raciocínio, no enunciado (9), Jair Bolsonaro afirma que os militares brasileiros sabem se tratar de uma “guerra química”, “bacteriológica” e “radiológica”, deixando implícito pela sua pergunta que o inimigo seria a China, o país que teria se beneficiado economicamente com a crise sanitária global.

Destarte, figuras destacadas como Eduardo Bolsonaro, Paulo Guedes, Abraham Weintraub e o próprio Jair Bolsonaro reafirmaram publicamente o alinhamento ideológico do governo brasileiro à disputa geopolítica encampada por Donald Trump contra o governo chinês. Polêmica importada para o cenário nacional pelo Deputado Federal Eduardo Bolsonaro ainda em março de 2020, fazendo circular na esfera pública do país a cadeia enunciativa que interpretava a “guerra contra o vírus” como uma “guerra (geo)política”.

Por esses meios, a extrema direita brasileira passou a reduzir os argumentos científicos a opiniões políticas, denunciando-os como alinhados ao projeto de poder do adversário/inimigo, e, no sentido inverso, passou a atribuir validade científica ao ideário político do grupo, tornando a fala do líder o único lugar de produção do verdadeiro na sociedade, sendo dotada inclusive de autoridade para recomendar tratamentos contra a pandemia de covid-19.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As fórmulas discursivas “vírus chinês”, “vírus comunista” e “comunavírus” produzidas pelo discurso de integrantes e seguidores do governo Bolsonaro e postas a circular durante a pandemia de covid-19 mostraram-se como um elemento discursivo bastante produtivo para marcar a dicotomização das oposições sobre a origem do novo

¹⁸ Enunciado proferido em 27 de abril de 2021 por Paulo Guedes, então Ministro da Economia do governo Bolsonaro, em evento transmitido pelas redes sociais do Ministério da Saúde, cujo vídeo foi, posteriormente, retirado da internet, de modo que o enunciado está disponível somente em matérias jornalísticas, tal como a publicada no *site* da *CNN Brasil*, “Guedes diz que China inventou novo coronavírus, mas tem vacina menos eficaz que EUA”, disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/guedes-diz-que-china-inventou-coronavirus-mas-tem-vacina-menos-eficaz-que-eua/>. Acesso em: 15 mar. 2023.

¹⁹ Enunciado proferido por Jair Bolsonaro em 5 de maio de 2021 em discurso no Palácio do Planalto, registrado em diversas fontes jornalísticas, como a matéria de Ingrid Soares, do *Correio Braziliense*, intitulada “Bolsonaro, guerra química e a imprensa: ‘Eu não falei a palavra China’”, disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/05/4922537-bolsonaro-guerra-quimica-e-a-imprensa-eu-nao-falei-a-palavra-china.html>. Acesso em: 15 mar. 2023.

coronavírus, a responsabilização pelo início da pandemia de covid-19 e o presumido *cui bono* econômico dessa pandemia. Ademais, permitiram realçar a polarização entre os grupos favoráveis e contrários às posições bolsonaristas, caracterizar os traços do conflito entre subjetividades, não entre razões, e fortalecer as estratégias de construção do descrédito do outro, inclusive com virulência verbal de aspecto sinofóbico.

Além de qualificar a polêmica, as fórmulas discursivas aliadas às estratégias de manipulação verbal mostraram sua produtividade na construção do discurso conspiratório. Em especial, por encapsular raciocínios e valores implícitos indesejados pelo sujeito alvo da campanha conspiratória em uma só expressão verbal cristalizada com forte potencial de circulação, principalmente nas redes sociais.

No caso do *corpus* analisado, foi possível observar que as fórmulas discursivas cumpriram um papel importante na construção da dimensão ideológica do discurso conspiratório bolsonarista ao reproduzir valores do discurso direita-extremista como a antipolítica, o dogmatismo, o negacionismo científico e, sobretudo, o anticomunismo. Como vimos, o sentido das fórmulas “vírus chinês”, “vírus comunista” e “comunavírus” foi construído a partir desses valores ideológicos.

Por fim, é necessário ressaltar que a produção e circulação do discurso conspiratório por integrantes do governo Bolsonaro durante a pandemia de covid-19 no Brasil não foi uma prática sem consequências, uma vez que alguns desses membros foram indiciados no Relatório Final da Comissão de Inquérito Parlamentar do Senado Federal brasileiro por crimes que custaram até agora a vida de mais de 700 mil brasileiros e brasileiras. Conforme Nota Técnica do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (IDEC):

A responsabilidade de evitar mortes na pandemia compete aos governos nacionais. No Brasil, a recusa às orientações para mitigar casos e mortes impediu poupar vidas. Aproximadamente 120 mil mortes, entre as que ocorreram até o final de março de 2021, poderiam ter sido evitadas por medidas não farmacológicas para o controle da transmissão na comunidade.²⁰

É necessário compreender que esse discurso conspiratório bolsonarista, além de incitar tensões diplomáticas com o governo chinês, também foi responsável por, pelo menos, 120 mil mortes evitáveis.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. Argumentação e Análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Trad. E. L. Piris e M. O. Ferreira. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, v. 1, n. 1, p. 129-144, 2011. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/389>. Acesso em: 15 mar. 2023.
- AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. Trad. Rosalice Pinto et al. São Paulo: Contexto, 2017.
- AVRITZER, L. *Política e antipolítica: a crise do governo Bolsonaro*. São Paulo: Todavia, 2020.
- BUCCI, E. *Existe democracia sem verdade factual?* Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.
- CHARAUDEAU, P. *A manipulação da verdade: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade*. Trad. D. Cunha e A. L. Araújo. São Paulo: Contexto, 2022.

²⁰ Nota Técnica intitulada Mortes evitáveis por covid-19 no Brasil, publicada em junho de 2021, de autoria de Guilherme Loureiro Werneck (Instituto de Medicina Social da UERJ e Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da UFRJ), Lígia Bahia (Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da UFRJ), Jéssica Pronestino de Lima Moreira (Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da UFRJ) e Mário Scheffer (Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP), disponível em: http://idec.org.br/sites/default/files/mortes_evitaveis_por_covid-19_no_brasil_para_internet_1.pdf. Acesso em: 15 mar. 2023.

- SOLANO, E. Eu voto no Bolsonaro porque ele vai mudar o Brasil: escutando os eleitores de Bolsonaro. In: AVRITZER, L.; STARLING, H. M.; BRAGA, P.; ZANANDSREZ, P. *Pensando a democracia, a república e o estado de direito no Brasil*. Belo Horizonte: Projeto República, 2019. p. 119-130.
- KRIEG-PLANQUE, A. *A noção de “fórmula” em análise do discurso: quadro teórico e metodológico*. Trad. L. S. Salgado e S. Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MBEMBE, A. *Necropolítica*. Trad. R. Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- MIGUEL, L. F. A reemergência da direita brasileira. In: SOLANO, E. (Org.). *O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil*. São Paulo, Boitempo, 2018. p. 17-26.
- NAPOLITANO, M.; JUNQUEIRA, M. A. Como historiadores e professores devem lidar com negacionismos e revisionismos? NEGACIONISMOS E REVISIONISMOS: O CONHECIMENTO HISTÓRICO SOB AMEAÇA. *Síntese dos debates do evento [...]* Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. p. 1-4. Disponível em: <https://abrir.link/syIPX>. Acesso em: 15 mar. 2023.
- NASCIMENTO, V. L. V.; PEREIRA, C. C. Q.; VIDAL, D. D. R. Covid-19, estigma e mídia: #euNaosouumvírus”. In: SPINK, M. J.; CORDEIRO, M. P.; BRIGAGÃO, J. I. M.; MALINVERNI, C. (Orgs.). *Covid-19: versões da pandemia nas mídias*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2021. p. 497-529.
- NICOLAS, L. As teorias da conspiração como espelho do século: entre a retórica, a sociologia e a história das ideias. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, v. 12, n. 1, p. 255-279, 2016. DOI: <https://doi.org/10.17648/eidea-12-1325>. Acesso em: 15 mar. 2023.
- OLIVEIRA, F. A.; FENERICK JÚNIOR, J. B. Cartografia das controvérsias em torno do termo “comuna vírus” no YouTube: contrastes com a Política Externa de Bolsonaro. *Ciências Sociais Unisinos*, v. 57, n. 1, p. 99-112, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/csu.2021.57.1.09>. Acesso em: 15 mar. 2023.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- PLANTIN, Ch. *Dictionnaire de l’argumentation: Une introduction aux études d’argumentation*. Lyon: ENS Éditions, 2016.
- PIOVEZANI, C. Bolsonaro fala às massas. In: PIOVEZANI, C.; GENTILE, E. *A linguagem fascista*. São Paulo: Hedra, 2020. p. 141-245.
- PIRIS, E. L.; AZEVEDO, I. C. M. “Fique em casa” versus “O Brasil não pode parar”: interações argumentativas na pandemia de covid-19. In: PIRIS, E. L.; MASSMANN, D. (Orgs.). *A argumentação nos discursos sobre a pandemia da covid-19*. Maceió: EDUFAL, 2021. p. 32-45. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/8028>. Acesso em: 15 mar. 2023.
- QUINAN, R.; ARAÚJO, M.; ALBUQUERQUE, A. A Culpa é da China! O discurso sino-conspiratório no governo Bolsonaro em tempos de covid-19. *Revista Eco-Pós*, v. 24, n. 2, p. 151-174, 2021. DOI: <https://doi.org/10.29146/ecopos.v24i2.27698>. Acesso em: 15 mar. 2023.
- SALAVASTRU, C. Stratégies d’efficacité utilisées dans les débats présidentiels télévisés. *Hermeneia – Journal of Hermeneutics, Art Theory and Criticism*, Iasi, Romênia, n. 24, p. 103-126, 2020. Disponível em: http://hermeneia.ro/wp-content/uploads/2020/05/08_Salavastru.pdf. Acesso em: 15 mar. 2023.
- SENADO FEDERAL (BRASIL). *Relatório Final da Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia - Instituída pelos Requerimentos nos 1.371 e 1.372, de 2021*. Brasília, DF, 2021. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento/download/72c805d3-888b-4228-8682-260175471243>. Acesso em: 15 mar. 2023.
- SILVA, C. M. de M. O conceito de doxa (opinião) em Aristóteles. *Linha D’Água*, v. 29, n. 2, p. 43-67, 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v29i2p43-67>. Acesso em: 15 mar. 2023.

Recebido: 20/6/2022

Aceito: 25/10/2023

Publicado: 4/12/2023